

Estado da publicação: O preprint não foi submetido para publicação

POR UMA NOVA ATITUDE NA SOCIOLOGIA DOS INTELECTUAIS E SUAS PRODUÇÕES CULTURAIS

Caio César Pedron, Hélio Roberto de Francischi Chagas

<https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.9798>

Submetido em: 2024-09-10

Postado em: 2024-09-11 (versão 1)

(AAAA-MM-DD)

POR UMA NOVA ATITUDE NA SOCIOLOGIA DOS INTELLECTUAIS E SUAS PRODUÇÕES CULTURAIS

CAIO CÉSAR PEDRON/A 1.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0774-0138>

[<caio.pedron99@gmail.com.br>](mailto:caio.pedron99@gmail.com.br)

Universidade Estadual de Campinas. Campinas, SP, Brasil

HÉLIO ROBERTO DE FRANCISCHI CHAGAS/A 2.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1907-6200>

[<h155709@dac.unicamp.br>](mailto:h155709@dac.unicamp.br)

Universidade Estadual de Campinas. Campinas, SP, Brasil

RESUMO: A proposta apresentada neste trabalho parte da experiência de doutoramento de dois pesquisadores – a primeira referente ao estudo sócio-biográfico da obra de Max Weber e, a segunda, sobre a recepção de Henri Lefebvre no Brasil – associados a um projeto de investigação coletiva sobre intelectuais, pensamento social e circulação das ideias sociológicas no Brasil. Partindo dessas diferentes camadas de experiência histórica, foi possível constatar a necessidade de uma articulação estabelecida entre a área da sociologia dos intelectuais, sob a hegemonia da interpretação bourdieusiana da estruturação do campo, a partir da posição social ocupada por esses agentes, e de uma sociologia da cultura interessada no significado imanente dos artefatos intelectuais, quer sejam físicos – livros, revistas, jornais, coleções – ou estritamente simbólicos – teorias, conceitos, imagens, metáforas. A solução para a difícil correlação entre o contexto histórico-social de produção intelectual e a construção simbólica discursiva do texto, está dada por uma forma de tratamento do problema, uma *atitude* intelectual que interpela objeto e sujeito do conhecimento, constituindo-se como resposta mais eficaz ao dilema acima apresentado do que o contínuo movimento de produção de “novos” modelos teórico-metodológicos mais abrangentes, sintéticos ou revolucionário que os seus antepassados.

Palavras-chave: Contexto. Texto. Atitude. Henri Lefebvre. Max Weber.

FOR A NEW ATTITUDE IN THE SOCIOLOGY OF INTELLECTUALS AND THEIR CULTURAL PRODUCTIONS.

ABSTRACT: the proposal presented in this work is based on doctoral experience of two researchers – the first one referring to the socio-biographical study of Max Weber oeuvre and, the second one, about the work reception of Henri Lefebvre in Brazil – associated with an project of collective investigation about intellectuals, social thought and the circulation of sociological ideas in Brazil. Sustained by these two layers of historical experience, it was possible to confirm the need for a established articulation between the area of sociology of intellectuals, under the hegemony of the Bourdieusian interpretation of the structuring of the field, based on the social position occupied by these agents, and of a sociology of culture interested in the immanent meaning of intellectual artifacts, whether physical – books, magazines, newspapers, collections – or strictly symbolic – theories, concepts, images, metaphors. The solution to the difficult correlation between the historical-social context of intellectual production and the symbolic-discursive construction of the text is given by a way of dealing with the problem, an intellectual *attitude* that questions the object and subject of

knowledge, constituting a more effective response to the dilemma presented above than the continuous movement of production of “new” theoretical-methodological models that are more comprehensive, synthetic or revolutionary than their ancestors.

Keywords: Context.Text. Attitude. Henri Lefebvre. Max Weber.

INTRODUÇÃO

Dentro dos estudos de intelectuais, quando pesamos os elementos conjunturais que demarcam a trajetória dos autores, ou o modo como a experiência do tempo e espaço – tanto da leitura, quanto de escrita – se cristalizam em suas obras, a escolha metodológica traz um conjunto de rendimentos internos e externos. Com isso, não existe um movimento certo¹ a ser empreendido em tal análise, mas tais escolhas condicionam e passam a atuar dentro de um processo social mais amplo, no qual autores, conceitos e obras são compreendidos. Poderíamos apontar o texto, hoje canônico, de Roberto Schwarz (2012) sobre *as ideias fora do lugar*, a partir da mediação da figura do escritor Machado de Assis em relação ao modo como o liberalismo inglês condiciona, ou cria, uma nova realidade ao adentrar o contexto nacional. As ideias não devem fazer tributo aos autores, uma vez que passam a circular em diferentes realidades, criando seu próprio movimento.

Porém, quando procuramos mobilizar o trabalho dos intelectuais para falar a partir dele, dois elementos da análise se mostram fundamentais. O primeiro se refere ao próprio *contexto histórico-social* que origina, ou condiciona, tais ideias. O segundo se refere ao próprio *conteúdo representado na forma de conceito*, ou nas alegorias, como no caso de Schwarz. Juntos eles constituem talvez a mais espinhosa dificuldade para os pesquisadores que procuram esclarecer as relações entre a biografia de uma personalidade e a autonomia de sua criação.

O impacto da vertente metodológica bourdieusiana, dentro da área dos estudos de intelectuais, levou a uma certa sobrevalorização da dimensão do campo², como espaço social e relacional de onde

¹ Existem diversas perspectivas através das quais podemos observar um determinado processo social, como num prisma que secciona as diferentes cores segundo seu índice de refração, permitindo que de um único fecho de luz possam ser desviadas diferentes tonalidades. Contudo, na ausência da correta iluminação, finda-se também qualquer processo de difração correspondente, ocorrendo apenas deformações sombrias e, quando muito, a aparição tênue de colorações opacas. Trouxemos a imagem-síntese da dispersão luminosa para problematizar o perigo do relativismo, não queremos aqui advogar a ideia de que todas as perspectivas possuem igual valor e que todos os métodos são válidos, mais correto seria argumentar que existem falsos argumentos, falácias, opiniões e interpretações distorcidas, além de posições mais ou menos privilegiadas de observação da realidade social (LÓWY, 2013). Portanto, sustentamos no parágrafo acima a ideia de que existem formas diferentes e válidas de “perspectivar” o objeto do conhecimento.

² Neste texto não faremos uma crítica a teoria dos campos de poder de Pierre Bourdieu, por isso a noção de campo será utilizada de maneira vaga e pouco precisa. Entendemos campo como espaço onde ocorrem “relações de força entre as posições sociais que garantem aos seu ocupantes um quantum suficiente de força social – ou de capital – de modo a que estes tenham a possibilidade de entrar nas lutas pelo monopólio do poder” (BOURDIEU, 1990, p.29-30).

criam-se tais autores. Esse movimento traz como consequência uma certa subvalorização das próprias ideias e obras produzidas em tais condições, o conteúdo aparece como dispensável, muitas vezes nesses estudos. Da mesma forma, os estudos na área de sociologia da cultura, parecem, recorrentemente, obscurecer a origem social, assim como o espaço relacional que possibilita a emergência desses autores e obras. Nesse sentido, essa segunda forma de leitura leva a uma subvalorização do contexto.

O trabalho aqui desenvolvido tem o objetivo de apresentar duas soluções possíveis de serem traçadas para escapar aos dilemas das correntes metodológicas acima apresentadas. Quer seja através de uma abordagem imanente que procura perceber o descompasso de timbres e acentuações teóricas adotados durante o processo de produção e de recepção de uma obra – levando em conta a temporalidade e a espacialidade envolvida em cada *acontecimento* (JAY, 2012); quer seja, através de uma *socio-biografia* (POLLACK, 1992) que procura descortinar os motivos materiais e intelectuais que levaram à emergência de uma temática específica na obra de um autor em um também específico *momento* de sua obra.

O artigo percorrerá o seguinte itinerário: num primeiro movimento apresentaremos a problemática de produção e recepção da obra de Henri Lefebvre, atentando para a dimensão contextual ignorada no processo de recepção da obra em terras brasileiras e demonstrando o descompasso entre o tempo/local da escritura e da sua leitura. Num segundo movimento, será a vez de tratarmos da problemática da esfera erótica na obra de Max Weber, situando sua produção contextual e a dimensionando segundo sua função analítica na teoria da *Rejeição de mundo Religiosas e suas Direções*. Na conclusão, sustentaremos o argumento de que a resposta correta ao impasse entre texto e contexto está alocada muito mais em uma *atitude intelectual* (ORTIZ, 2008) que enfatiza a relevância do problema de pesquisa para escolha do método – concebendo método, teoria e problema como elementos indissociáveis de uma interpretação social – do que na proposição de mais um modelo teórico-metodológico que supostamente integraria as diferentes abordagens até aqui desenvolvidas.

HENRI LEFEBVRE OU UM INTELLECTUAL ENTRE O CONCEBIDO E VIVIDO

Quando pensamos a recepção da obra, assim como das ideias e conceitos de Henri Lefebvre no contexto brasileiro, como é meu³ caso de pesquisa, em um primeiro momento há um certo

³ Caso do autor Hélio Roberto de Francischi Chagas.

descompasso entre o contexto de produção das ideias e o modo como elas passam a circular nas ciências sociais. Talvez seja um tanto quanto óbvio apontar isso dentro do desenvolvimento e obra de qualquer autor, o que muda, de toda forma, é o que constitui tal descompasso. A partir de características próprias ao tempo, ao contexto, assim como da perspectiva metodológica dentro da qual são compreendidos espaços sociais distintos. Se, por um lado, nos estudos urbanos e, principalmente, na antropologia urbana, ele aparece dentro de uma leitura que o afasta do pensamento marxista, por exemplo. Existe por outro lado, dentro do marxismo, uma tentativa de aproximação com o stalinismo. Sendo o primeiro ponto uma vinculação central na obra do autor que inclusive originou seu olhar para o espaço urbano⁴ e o segundo, leva a sua ruptura; primeiro com sua suspensão e depois pela retirada definitiva do Partido Comunista Francês. Tal vinculação com a matriz marxista, assim como a ruptura com o PCF, são apresentadas no conjunto de sua obra, constituindo um elemento central no desenvolvimento de seus conceitos.

Com isso, não procuramos apontar uma forma de descompensação entre realidades sociais distintas, o que seria um movimento estéreo. Uma vez que colocam em comparação duas realidades e processos de formação, mas compreendê-las dentro de um marco referencial que baliza o próprio desenvolvimento do pensamento do autor. Nos referimos aqui a uma espécie de fragmentação da obra de Henri Lefebvre, que vai na contramão dos pressupostos próprios a sua produção intelectual. Quando pensamos sua trajetória, para além das tentações da reconstituição de uma *ilusão biográfica*⁵, é possível demarcar um caminho epistemológico sinuoso que parte da abstração do pensamento filosófico para a concretude própria ao espaço urbano. Sempre mediadas por aquilo que o autor denomina como dimensão do vivido. A longevidade de quase um século de vida, assim como a sua extensa produção acadêmica, com um total de sessenta e oito obras publicadas e traduções em mais de dez idiomas, nos traz uma perspectiva privilegiada sobre tal vivência.

Partindo do elemento local para o entendimento das estruturas sociais de dominação, sem recair em um relativismo absoluto, ou negligenciar o elemento estrutural, seu método, ou melhor o deslocamento do método marxista para objetos anteriormente negligenciados, traz uma perspectiva privilegiada ao observador periférico. Essa constituída como cenário de condições e articulações próprias⁶ e uma adesão particular em sua relação com a estrutura de dominação. Nesse sentido, o centro estrutural no pensamento de Lefebvre é a centralidade própria ao Capital, presente em

⁴ Apresentado em *O pensamento marxista e a cidade* (1972).

⁵ Utilizamos aqui o conceito de Pierre Bourdieu, apresentado em "As regras da arte: gênese e estrutura do campo literário" (2005).

⁶ O método de Lefebvre é inclusive objeto de elogio de Jean Paul Sartre em *Crítica da razão dialética* (2002).

diferentes dimensões da vida social, assim como sujeito a alterações de sua dinâmica. Ainda mais que isso, ao se colocar como um pensador periférico, Lefebvre o faz partindo de um afastamento ao pensamento hegemônico francês do período, por seu embate com o estruturalismo de Louis Althusser e sua oposição ao stalinismo dominante dentro do PCF.

Sustemos a existência de uma articulação dialética entre a experiência vivenciada pelo autor, ao longo de sua vida, e o conteúdo representado em sua obra, enquanto projeto concebido dentro de sua trajetória intelectual. Esse movimento pode ser feito a partir de uma metodologia fiel ao pensamento do autor, assim como pela influência de autores como Raymond Williams e da noção de crítica imanente. Esse pressuposto é próprio a perspectiva do autor, apresentado ainda em seus estudos iniciais de filosofia, e o acompanharam por toda sua obra: na articulação entre o conceito de *concebido*,⁷ como “relativamente transparente, claro e frio”, tomado de Espinosa, e o *vividô*,⁸ “opaco, cego, carnal e quente” de Nietzsche. Portanto, acreditamos ser essa a forma mais adequada para a compreensão de seu pensamento. Ou seja, ao menos compreendê-lo dentro do movimento próprio a seu desenvolvimento, dentro de seus limites e de maneira crítica.

Nesse sentido, durante o desenvolvimento de nossa pesquisa, pretendemos relacionar o trabalho de recepção e aclimação das ideias de Henri Lefebvre – considerando as diferentes dimensões nas quais os espaços se cristalizam no tempo e o tempo se concretiza no espaço – com o contexto no qual foram produzidas. Nessa relação, levamos em consideração o eixo de articulação presente no trabalho do autor, como crítica imanente. Ou seja, dentro de uma leitura que aponte para os limites internos presentes em seu desenvolvimento teórico. Formulado em afinidade a um conjunto de experiências vivenciadas pelo intelectual, militante e pensador periférico.

Exemplificando um pouco dos nossos problemas da pesquisa, *O direito à cidade*, livro de maior presença nos debates realizados nas ciências sociais brasileiras, não se restringe a um conjunto de regras abstratas que visam suprir as necessidades de manutenção do espaço urbano como instrumento jurídico. Como ele é mobilizado muitas vezes. O conceito está lastreado em uma ideia de cidadania bastante robusta, atrelada à transformação radical do modo de produção inerente à totalidade representada no e pelo espaço urbano. Porém, a própria forma utilizada na apresentação do texto, como um manifesto, se articula às necessidades emergentes no movimento de sessenta e oito na

⁷ No francês original *conçu*. “*Quant au conçu, il est relativement transparent, clair et froid*”. (cf. **Le temps de méprise**, LEFEBVRE, 1975, p. 12)

⁸ No francês original *vécu*. “*Le vécu est opaque, aveugle, charnel, chond*”. (cf. **Le temps de méprise**, LEFEBVRE, 1975, p. 12)

França, onde Lefebvre participou ativamente dentro da universidade de Nanterre em Paris. Posteriormente a esse momento, o autor passa a interpretar o texto de sessenta e oito em uma chave crítica, dentro das promessas não realizadas nos caminhos tomados pelo movimento político e cultural iniciado naquele espaço e momento específicos. Levando em consideração a necessidade de elaboração de um novo diagnóstico de tempo apresentado em setenta e quatro.

Em relação ao contexto de produção das ideias e conceitos trabalhados por Lefebvre, a interpretação sobre o fato histórico do maio de sessenta francês ocasiona uma virada dentro de sua obra. Se o momento da insurgência política e cultural é encarado em uma perspectiva otimista – como possibilidade de transformação real das formas de opressão vigentes no período – passados seis anos, sem grandes mudanças, ele passa a ser lido numa chave negativa, em *La production de l'espace*⁹. Tal torção trás alguns rendimentos dentro do sistema de pensamento do autor, assim como no modo pelo qual suas ideias passam a circular e se recondicionar em outros contextos. Nesse sentido, ocorreria uma sobrevalorização do olhar otimista de O Direito à cidade e uma certa atrofia da dimensão pessimista de *La production de l'espace*, ao menos quando nos atentamos a sua recepção no Brasil¹⁰.

A forma de manifesto, assim como a enunciação de ideias apresentadas no texto de O direito à cidade são bastante sedutoras, tanto pelo conteúdo político, militante, quanto em relação ao contexto sobre o qual o livro foi concebido. No contexto brasileiro, o livro foi traduzido e publicado em meio ao momento de recrudescimento da ditadura civil-militar com o governo Médici em outubro de 1969. Portanto, aparece como ponto fundamental de nossa pesquisa uma reflexão sobre a tradução e aclimatação das ideias para o contexto nacional, dentro dos próprios marcos do espaço de conhecimento referenciados pelo autor.

⁹ É fundamental enunciar a interpretação do autor em relação ao momento histórico apontada alguns anos mais tarde em *La Production de l'espace*: “Em maio de 1968, na França, a ocupação e tomada de seu espaço, anunciou algo de novo no movimento. A interrupção (momentânea, sem nenhuma dúvida) dessa (re)apropriação do espaço suscita desespero. Somente o trator e o coquetel Molotov poderiam modificar o espaço existente. Destruir para reconstruir? Sim, mas o que? Refazer os mesmos produtos com os mesmos meios de produção? Destruir também os meios? Essa atitude minimiza as contradições da sociedade e do espaço existente; ela admite, sem prova, o fechamento do “sistema”; cobrindo esse sistema de injúrias, ela se deixa fascinar e, ponderadamente, exalta sua potência. Um tal “esquerdismo” esquizofrênico retém em si {guarda consigo} suas próprias contradições, “inconscientes”. O apelo à espontaneidade absoluta na destruição e na construção implica também a destruição do pensamento, do saber, das capacidades inventivas, sob pretexto de que elas não permitem, imediatamente, uma revolução total e absoluta, que não se sabe, aliás, definir” (tradução nossa e grifos do autor, *La production de l'espace*, LEFEBVRE, 2000, p. 68). Outros autores também se dedicaram a compreender as relações com o espaço e política nesse mesmo período, como urgência colocada pela sociedade francesa no período. A própria atuação do movimento Surrealista na França em relação ao uso político do espaço das cidades, apropriada pela Internacional Situacionista, acentua essa relação e, assim, não passou despercebida do olhar de Lefebvre.

¹⁰ Cabe aqui uma leitura mais atenta sobre as diferentes interpretações de Lefebvre nas ciências sociais brasileiras. Ainda não tivemos possibilidade de desenvolvê-la.

A existência do “Seminário Marx”, ou “Grupo do Capital”, na FFLCH- USP (Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo) no final dos anos cinquenta teve desdobramentos na recepção das ideias de autores marxistas¹¹ nas ciências sociais paulistas. Esse período se caracterizou pela radicalização política anterior ao golpe civil- militar de sessenta e quatro. Fizeram parte do grupo José Arthur Giannotti, Roberto Schwarz, Fernando Henrique Cardoso, Michael Löwy, como ouvinte, entre outros intelectuais. Grupo este com certa proeminência quando pensamos na formação de um campo marxista no Brasil, ou, ao menos, dentro do estado de São Paulo. A existência do seminário impulsionou a formação de outros grupos de estudos da obra de Marx nas universidades paulistas.

Um dos frutos do “Grupo d’O Capital”, segundo José de Souza Martins, foi o seminário de estudos realizado semanalmente por ele no departamento de sociologia da USP em 1976¹². Sujeito as repressões da ditadura militar do período, ainda sobre a vigência do AI-5¹³, o marxismo, segundo Martins, necessitava de uma revisão afastada das leituras vulgares do pensamento de Marx. Tal necessidade levou o sociólogo a se aproximar do trabalho de Lefebvre e, a partir deste contato, organizar um grupo de estudos, no qual a obra do pensador seria sistematizada a partir da realidade local. Posteriormente, o conteúdo desses debates foi apresentado em 1993 no seminário intitulado Henri Lefebvre e o retorno da dialética, também na Universidade de São Paulo e publicado na forma de livro pela editora Hucitec em 1996.

Se o maio de sessenta e oito francês, assim como o período na Universidade Paris X Nanterre, é um acontecimento significativo para produção intelectual de Lefebvre¹⁴; os dez anos de duração do AI-5 marcam a chegada e o primeiro momento de circulação de suas ideias no contexto brasileiro. Como apontado por Roberto Schwarz (2008), o próprio clima do momento anterior à chegada da repressão da ditadura militar no Brasil levou a uma necessidade de radicalização do pensamento dentro do ambiente universitário. Momento este no qual o marxismo ganhou destaque. Com a deflagração da ditadura e a promulgação do Ato Institucional que tornou legítima a perseguição, tortura e

¹¹ Ao menos quando pensamos nas Ciências Sociais no estado de São Paulo, escopo com qual conseguimos lidar até o momento no desenvolvimento da pesquisa.

¹² (cf. **Henri Lefebvre e o retorno da dialética**, org. MARTINS, José de Souza, 1996).

¹³ A deflagração da censura com o AI-5 levou ao afastamento compulsório de diversos professores da Universidade de São Paulo.

¹⁴ “Mai-68 a été un moment théâtral, conjuncture de forces et d’idées qui, débouchent sur une autre réalité”. (cf. **Henri Lefebvre e l’aventure du siècle**, HESS, 1988, p. 180).

assassinato dos opositores ao regime, a radicalização se fez necessário na prática política de resistência ao regime.

Apesar da censura com o AI-5, parte significativa das obras de Henri Lefebvre foram traduzidas para o português e publicadas no Brasil durante a ditadura. Entre elas: *Metafilosofia* (1967), *Debates sobre estruturalismo: uma questão de ideologia* (1968), *A irrupção; a revolta dos jovens na sociedade industrial: causas e efeitos* (1968), *Posição: contra os tecnocratas* (1969), *Introdução à modernidade* (1969), *O Direito à cidade* (1969), *O fim da história* (1971), *Lógica formal lógica dialética* (1975).

A partir dos apontamentos deixados por Lefebvre com a publicação de *La production de l'espace* em 1974, permanecer vinculado à parte restrita do programa de 1968, se coloca como uma escolha política e metodológica que abandona os próprios pressupostos revolucionários defendidos pelo autor. É necessário indicar que a obra de 1974 até hoje não foi traduzida para o português, mas dois anos depois de sua primeira publicação, ela ganhou uma versão em inglês. Posteriormente em italiano e espanhol. Se a não tradução da obra de setenta e quatro restringe sua leitura para um público mais amplo, ela não seria um impedimento para o grupo dos intelectuais brasileiros.

Pensar o trabalho intelectual propriamente dito, é, de alguma forma, adentrar os meandros estabelecidos entre memória e sociedade. Uma vez que a articulação entre a produção dos conceitos e ideias se estabelece na relação entre espaço e tempo, sendo esses, sempre, socialmente determinados. Como todo olhar para o passado é, necessariamente, estabelecido por uma dimensão do momento presente, nenhuma escolha nessa mirada está isenta de uma dimensão política no *aqui e agora*. Pois, só é possível acessá-los enquanto experiência construída em um momento anterior, mas sempre partindo dos interesses, problemas e limites do presente.

Essa necessidade, nos leva a pensar a centralidade própria ao problema do contexto de produção das ideias, apresentado na introdução deste texto, relacionada ao estudo do trabalho intelectual. Pensá-lo, apenas enquanto elemento externo, ou seja, sem adentrar sua dimensão interna, com o qual ele está dialeticamente relacionado, é abandonar parte do problema que constitui a dimensão da experiência do autor, aqui apresentado como objeto. Logo, podemos encontrar na relação dialética entre *concebido e vivido*, apresentada por Lefebvre, uma articulação necessária entre vida e obra intelectual.

Tentamos ao menos esboçar, como a relação entre memória e sociedade se apresenta como um eixo articulador tanto na produção, quanto na circulação de ideias em contextos sociais distintos.

Partindo de nossos pressupostos metodológicos, elas nos levam a necessidade de mobilização do contexto tanto no qual são produzidas, quanto nas formas de compreensão do trabalho intelectual, pela intersecção entre as áreas de conhecimento de sociologia dos intelectuais e da cultura. O desenvolvimento de nossa pesquisa, nos trouxe alguns rendimentos ao procurarmos compreender o modo como as ideias passam a circular e se (re)significar em diferentes contextos, espaços e tempos.

Em relação ao trabalho de Henri Lefebvre o descompasso do contexto se estabelece numa torção, por um lado marcado por uma leitura em um contexto – o período da ditadura militar brasileira – no qual o otimismo era uma necessidade histórica, ao se pensar uma realidade possível para além do momento presente. Por outro lado, no próprio contexto de produção das ideias, a torção se dava pela elaboração de um novo diagnóstico pessimista diante do que parecia ser o arrefecimento da força pujante do maio de 68. O descompasso se estabelecia pela recepção tardia da obra primaveril e o “esquecimento” seletivo dos desenvolvimentos lefebvrianos pós 1974. No caso de Max Weber, o peso da interpretação canônica – local e internacional – levou ao apagamento de outras possibilidades analíticas e interpretativas da sua obra. A inquietação causada pela postulação de um pensamento weberiano sobre erotismo, sexualidade e amor, seria motivada por um processo de produção, circulação e recepção internacional que eclipsaram os elementos que escapavam à interpretação canonizada. Ampliaremos essa discussão no próximo capítulo.

A ESFERA ERÓTICA DE MAX WEBER

A gênese contextual da esfera erótica (PEDRON, 2019) serve como outro caso exemplar das intermediações entre uma conjuntura social específica e a coerência interna de um amplo programa de pesquisa histórico-comparativo (SCHLUCHTER, 2008). À primeira vista, essa problemática parecia um tanto quanto deslocada da obra de Max Weber (1864-1920), tendo em vista que seu legado foi canonizado¹⁵ sob o “eixo” da política, com sua teoria dos tipos de dominação legítima, na definição de estado como “monopólio da força legítima” e na burocracia como dominação mais racional e destino inexorável da humanidade; também sob o “eixo” da religião, na persistente e paradigmática teoria da secularização (BERGER, 1985) e na vinculação eletiva entre um ética religiosa e um comportamento aquisitivo racional (WEBER, 1904-1905). Por último, mas não menos importante, a

¹⁵ A ideia de tradição e cânone sociológico foi elaborada ao longo dos anos por personalidades importantes da recepção da obra de Weber nos EUA e na França, como Talcott Parsons, Robert Nisbet e Raymond Aron. O termo vem sendo questionado por um processo de ampliação crítica dos textos canônicos, figuras como a própria Marianne Weber, W.E.B. Du Bois e Jane Addams, somam-se a tantas outras figuras que foram eclipsadas pelas instituições de pesquisa, ensino e divulgação. Ver: CASTRO, Celso (org.). **Além do cânone**: para ampliar e diversificar as ciências sociais. Editora FGV, 2022.

tipologia da ação social (afetiva, tradicional, valorativa e racional) também foi disseminada como pedra de toque do pensamento weberiano.

Para compreendermos a aparente dissonância cognitiva de se entender weberianamente o “sexo como salvação nesse mundo” (PIERUCCI, 1998) – tratada por alguns no registro da curiosidade ou boato¹⁶ e por outros como hedonismo intelectual (RADKAU, 2009) – foi preciso mergulhar no processo de autoria, concebendo a gênese do conceito como fruto de um esforço individual – e coletivo – para dar sentido a uma experiência comum compartilhada. Seria preciso, portanto, articular a dimensão do *concebido*, com sua frieza analítica determinada pela função ocupada no aparelho teórico-conceitual; à dimensão do *vivido*, experimentado e conhecido pessoalmente, através da observação – quase participante – e da compreensão da realidade ali objetivada. Pois bem, comecemos pelas justificativas teóricas para, partindo daí, abordar a razão prática.

Nos últimos cinquenta anos foram feitos avanços sistemáticos no aprofundamento e na organização da fortuna crítica weberiana, permitindo que a vastidão de objetos e temáticas típicas de um historiador universal (JASPERS, 1977) repousasse sobre um enquadramento teórico sólido, o paradigmático *processo de racionalização do mundo* (SELL, 2013). O importante debate sobre a unidade temática da obra de Max Weber (TENNBRUCK, 1980; HENNIS, 1991; MOOMSEN, 1984) enriqueceu o leque de alternativas possíveis e válidas desta corrente de pensamento sociológico. Ao longo desse percurso foi sendo solidificada uma interpretação do programa de investigações weberiano calcado nos seus dois grandes projetos tardios: *A Ética Econômica das Religiões Mundiais* (EERM) e *Economia e Sociedade* (EeS).

A teoria *das rejeições religiosas do mundo e suas direções* presente em um capítulo no meio – *Consideração Intermediária* – do primeiro volume da EERM (WEBER, 2016), oferece uma interpretação para o processo de emancipação progressiva de diferentes circunscrições sociais (política, economia, ciência, erótica e arte). Para Max Weber, o processo de secularização do mundo complementa a desmagificação perpetrada pelo protestantismo ascético (PIERUCCI, 2005) e permite que as diferentes *esferas de valor* alcancem um grau de autonomia relativa frente a anterior ordem universal de um cosmos religioso. Weber queria subsidiar os seus trabalhos histórico-empíricos sobre o Hinduísmo, Budismo, Taoísmo e Cristianismo com uma explicação coerente para os graus e direções

¹⁶ Seria instrutivo observar a produção social da fofoca como fez Norbert Elias (2000), tanto na sua forma de organização discursiva quanto na circulação, observando atentamente as interações que são produzidas por meio deste expediente. Lembremo-nos que a imagem ideal do famoso Efeito Thomas (MERTON, 1970) versa sobre a disseminação de um boato sobre a solvência de um banco sadio que acaba por levá-lo à bancarrota.

da rejeição religiosa do mundo. Essa teorização estaria articulada à interpretação do macro-processo de racionalização do mundo, pois explicaria como diferentes religiosidades respondem às ordens da vida e, através da comparação, quais dessas respostas seriam mais adequadas para o desenvolvimento de uma conduta de vida racional no “mundo”.

Portanto, diferente do que pode parecer à primeira vista, a esfera erótica não faz parte de um comentário esparso ou desconexo, mas está presente em um texto teórico que subsidiará o grande empreendimento histórico-comparativo do autor, e sustentar que se tratava de mero devaneio inconsequente parece uma imprudência à luz dessa nova “definição canônica” da obra. Partindo deste entendimento sobre a relevância teórica do escrito, levantei a hipótese de que haveria uma espécie de afinidade eletiva entre esse texto – em sua relevância para o programa de pesquisa weberiano – e o seu contexto de criação.

A fim de testar essa possibilidade, mergulhei no registro biográfico, nas cartas e memoriais, para identificar alguns dos possíveis motivadores dessa produção intelectual. Além disso, procurei reconstruir os anos de formação do jovem Weber (WEBER, 2003) e tudo que envolvia a construção social de um estrato específico da sociedade alemã, a burguesia cultivada (*bildungsbürgertum*). Max Weber passou pelas duas instituições formadoras da personalidade wilhelminiana, o Exército e a Universidade. No primeiro recebeu a disciplina autoritária e o espírito de corpo que compartilharia com todos os homens alemães e, no segundo, “aperfeiçoou a cultura” para se entender como pertencente à elite política e intelectual alemã.

Na virada para o século XX esse modelo de formação da personalidade estava sendo questionado por diferentes movimentos contraculturais que emergiram no compasso da crítica à sociedade alemã “modernizada”. O feminismo burguês havia vencido a batalha pelo sufrágio e acesso aos bancos universitários, movimentos pacifistas criticavam o imperialismo alemão, uma nova abordagem psicológica questionava a educação familiar, o relacionamento entre parceiros sexuais e o tratamento de doenças psíquicas. Havia vegetarianos, teosofistas, wagnerianos, tolstoianos e uma série de outros tipos modernos de *fuga do mundo* desencantado pelo capitalismo triunfante (GREEN, 1986).

Os círculos intelectuais serviam como espécie de espaço de sociabilidade para membros de diferentes gerações da elite esclarecida alemã. No ano de 1907 o círculo de Max Weber em Heidelberg sofreu um verdadeiro terremoto (SCHWENTKER, 1996) quando as ideias do discípulo mais radical de Freud chegaram aos seus ouvidos. Otto Gross passou por diferentes cidades com a proposta de uma psicanálise que seria o primeiro passo para insurreição social, sua ideia era a de disseminar esses

novos valores e organizar uma comunidade junto de outros movimentos contraculturais no cantão suíço da Ascona. Max Weber acabou visitando a região alguns anos depois, para ajudar a esposa de Otto Gross que enfrentava um processo de tomada da guarda de seus filhos. Nessa visita, o autor pode conhecer os movimentos contraculturais com os próprios olhos e mergulhar na atmosfera daquele empreendimento precário e ao mesmo tempo inovador na sua crítica às estruturas da vida moderna (WEBER, 1999).

Após esse mergulho no contexto, foi possível encontrar ressonância entre aquilo que foi vivenciado pelo autor e o que ele escreveu em sua *esfera erótica* (WEBER, 2016). Entretanto, a experiência objetiva servia muito mais como gancho do que como base através da qual desenvolveria a teoria. As intermediações eram mais indiretas, exemplares e intuitivas do que propriamente determinantes. Para além de questionar um *contextualismo puro sangue*, também quis me contrapor a tese de que havia um determinante psicológico naquela escritura (MITZMAN, 1976). Se era bem verdade que o autor havia ficado traumatizado pela morte do pai, também era verdade que sua esfera erótica tinha muito menos a ver com qualquer ab-reação individual e muito mais com as tensões entre a moral sexual puritana e as novas formas de experimentação sexual. Weber entendia que o erotismo também se desenvolvia autonomamente e tratava o seu caso como um exemplo particular do macroprocesso de racionalização do mundo (SELL, 2014).

Na conclusão deste exercício reflexivo incentivei a observação do “faro” weberiano para a emergência do *novum*, a percepção de um movimento de racionalização do erotismo que levaria ao rompimento com os laços do matrimônio religioso e mesmo de qualquer forma pré-estabelecida que não levasse em conta a sua “imanência”. O contexto ofereceu estímulo ao olhar, mas a criatividade individual avançou por sobre uma compreensão de desenvolvimento que corria para muito além das condições sociais estabelecidas. As intrincadas relações alquímicas entre o texto e o contexto – *concebido e vivido* – só podem se arranjar se levarmos em conta o seu portador¹⁷, este que carrega a capacidade de inventar um outro mundo para além da transitividade do verbo amar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste exercício conclusivo gostaríamos de destacar alguns elementos interessantes para a reflexão acerca das formas de se observar a relação entre vida e obra. Primeiramente, ambos os

¹⁷ Olhando para a problemática da esfera erótica como trabalhei na minha dissertação de Mestrado, certamente posso chamar de portador o próprio Max Weber. Mas, no caso da recepção atual da sua teoria na sociologia das emoções, podemos afirmar que é o texto o portador daquela interpretação de mundo - com sua lógica interna - que pode ser resgatada e reinterpretada para compreendermos os dilemas da afetividade no mundo contemporâneo.

exercícios reflexivos procuraram destacar as intermediações entre o texto e o contexto, salientando, cada um à sua maneira, as contradições de uma leitura que trataria a conceituação como um espelho (HOELZ; BOTELHO, 2016), isto é, como produto de representação direta da experiência vivida. Certamente poderíamos afirmar que haveria correspondência entre o amor “*experiente do homem maduro*” (WEBER, 2016, p.392) ou ainda a legitimação imanente de uma comunidade erótica, com a dimensão do *vivido* em Max Weber; tanto quanto seria impensável conceber a torção entre a abordagem otimista de Henri Lefebvre em *O Direito à Cidade* (1968) e sua transformação numa visão mais pessimista em *A produção do Espaço* (1974) sem levar em conta as transformações históricas interpretadas pelo pensador francês nesses dois diferentes diagnósticos de época.

Mas o produto do trabalho intelectual não depende apenas da realidade objetivada em um momento histórico específico. Por exemplo, no caso de Max Weber, o texto *Rejeições Religiosas do Mundo e suas Direções* originalmente foi produzido em 1913 e publicado na *Archiv Für SozialWissenschaft und SozialPolitik* em 1914. Caso tivesse dimensão estritamente conjuntural, seria retirado de suas futuras editorias, dado que o autor voltou a organizar suas publicações apenas após findada a grande guerra mundial que, por sua vez, destruiu todos os movimentos contraculturais que haviam surgido no primeiro decênio do século XX (GREEN, 1986). Destarte, o texto ganhou mais corpo, sendo desenvolvido ao longo dos anos para servir de subsídio teórico da EERM. Ou seja, distante de seu contexto original de “*influenciação*”, a esfera erótica ganhou mais relevância para o conjunto teórico weberiano.

De alguma maneira, isso pode ser aproximado do que aconteceu com *O Direito à Cidade* de Henri Lefebvre, entretanto, talvez não para o próprio autor, mas para os seus receptores e tradutores no Brasil. Aqui a sua abordagem foi ressignificada para servir como instrumento de interpretação da realidade social em transformação pujante durante o período mais sombrio da ditadura militar (1964-1968). As ideias ganham autonomia com ou sem a anuência dos seus produtores, servindo as necessidades dos intérpretes nacionais que procuraram mensurar as transformações da cidade e a lógica da expropriação urbana na metrópole paulista. Aqui o conceito de círculo de intelectuais pode ser retomado para pensarmos no Seminário D’o Capital e de sua relevância para disseminação de uma cultura intelectual marxista que ganhou profundidade e se espalhou em diferentes temáticas, sendo a figura de José de Souza Martins importante para capitanear os esforços de investigação que redundaram na aclimação da parcela mais otimista da obra de Henri Lefebvre no Brasil.

André Botelho e Maurício Hoelz (2016) retomam a ideia de reflexividade de Anthony Giddens para afirmar a necessidade de se tratar a produção literária como resultado da ação de indivíduos que levam em conta o contexto no qual estão imersos, mas que também atendem aos seus interesses cognitivos, alicerçados em projetos de vida que não podem ser derivados de uma reprodução unilateral das condições sociais nas quais estão inseridos. Os mediadores simbólicos dessas obras em outros contextos nacionais também possuem reflexividade e utilizam as construções teóricas em um jogo relacional que pode, inclusive, ser diametralmente oposto ao qual a obra originalmente foi produzida (BOURDIEU, 2002). É preciso descrever, inclusive, a reflexividade dos intérpretes que, como nós, resgatam um determinado debate teórico, um livro, uma teoria ou a biografia de um pensador, pois será o presente contextual e conceitual que estará fundamentando os resultados que estão sendo rematados nesse opúsculo, por exemplo.

De todo esse nó de complexidade o que queremos retirar é a ideia de que um *contextualismo stricto sensu* seria tão ineficiente para os atuais estudos sobre intelectuais quanto uma teorização abstraída – *desencarnada* – dos seus produtores, reprodutores e circuladores. Mais do que construir a melhor síntese de mais um “novo” movimento teórico (ALEXANDER, 1987), queremos advogar a tese de que não existe solução final para esse dilema, e que o papel do pesquisador é o de compor o modelo teórico com melhor rendimento analítico para sua proposta de investigação, levando em conta o problema de pesquisa e o caráter sempre provisório de qualquer empreendimento científico. Queremos sustentar a necessidade de uma nova *atitude* intelectual como a elaborada por Renato Ortiz (2008) no seu ensaio-homenagem ao professor Octavio Ianni, em suas próprias palavras:

Sublinho a ideia de atitude – era uma palavra que ele gostava de empregar – ela valoriza a conduta e o compromisso diante da reflexão. O trabalho intelectual requer a existência de um ethos, de um posicionamento que nos orienta no emaranhado da realidade. Ianni tinha uma visão das Ciências Sociais fundada na autonomia do pensamento. O campo do saber deveria idealmente ser livre, comprometido com os valores científicos, embora, no seu enraizamento histórico, estivesse sempre imerso nas contradições sociais. Há, pois, uma tensão necessária e criativa entre a intenção e sua concretização, o ethos é o fio condutor, a retidão que orienta ao largo desta tensão. Isso significa que a autonomia é construída, como costume dizer, no terreno da porosidade das fronteiras. As Ciências Sociais são permanentemente desafiadas pelas exigências "externas", a política, as demandas mercadológicas, as instituições burocráticas universitárias, no entanto, para se afirmarem, a elas devem contrapor-se. Submeter-se seria abdicar à soberania (ORTIZ, 2008, p.322-323).

A atitude deve estar orientada para um compromisso engajado com o próprio saber, com o objeto o qual se está descrevendo, com a obra a qual se está perscrutando e, por último, com a própria contribuição que os autores querem dar ao campo de conhecimento ao qual estão vinculados. Não é que não estejamos também limitados pelas contradições sociais do nosso tempo e do espaço relacional ao qual estamos inseridos, mas que queremos nos colocar reflexivamente a par dessas tensões entre o

nosso *vivido* e o *concebido*. Também não queremos aqui advogar qualquer tipo de neutralidade axiológica¹⁸ frente aos valores do mundo, pois acreditamos que as decisões valorativas estão postas mesmo nas mais ínfimas decisões metodológicas como, por exemplo, na escolha de uma palavra-chave para descrição censitária¹⁹.

O que queremos salientar como *atitude intelectual*²⁰ importante para nossa prática profissional é a do primado do objeto e, sendo mais preciso que isso, primado do problema de pesquisa. É ele que deve orientar prioritariamente a perspectiva através da qual observamos a realidade, adequando as possibilidades dadas pelas condições sociais de produção intelectual aos auspícios necessários à construção do problema identificado.

Encontrar novas saídas para os antigos dilemas no campo de estudo dos intelectuais e suas produções culturais requer criatividade e um tanto de humildade intelectual, para que a fortuna crítica legada por nossos antepassados seja fonte de reconstruções proveitosas à interpretação do tempo presente. É que retomamos uma determinada trajetória intelectual, ou mesmo a “vida” de uma obra, para retirar dela lições valiosas à contemporaneidade ou para, reconstruindo o passado, compreendermos melhor a origem das nossas inquietações no tempo presente.

¹⁸ A opção pela escolha de um determinado arcabouço teórico também tem por finalidade responder aos critérios de objetividade do conhecimento social sem os quais o pensamento pode cair em uma lógica puramente opinativa ou relativista. Contudo, queremos aqui adotar uma posição semelhante à de Sérgio da Mata no seu interessante livro *A Fascinação Weberiana*. Pois ao estudar os fenômenos sociais e, mais objetivamente, as interpretações intelectuais dos mesmos, trabalhamos inerentemente com os valores que ali estão alicerçados (valores da sociedade, do campo intelectual, do próprio indivíduo, etc.). Precisamos, por isso, estabelecer uma relação entre esses valores e, por que não, os nossos atuais valores, para tentarmos compreender a especificidade de uma determinada visão de mundo. O perigo está posto em se fazer um juízo de valor antes mesmo de interpretar aquela visão de mundo ou descrever densamente sua relação para com a ação dos indivíduos neste momento histórico. É para isso que serviria o método científico, pelo menos na visão epistemológica do “primeiro Weber” (MATA, 2013). Adotamos junto desta interpretação a ideia de reconstrução teórica (BURAWOY, 2014) sedimentada no rendimento analítico proporcionado por cada instrumento metodológico.

¹⁹ Zygmunt Bauman (2005) relata a dificuldade que o uso de artefatos intelectuais, como a descrição censitária da nacionalidade, acabava revelando para as comunidades polonesas às quais os questionários eram aplicados. Para os grupos locais era inteiramente incoerente pensar que faziam parte de uma coletividade que não estivesse inscrita ao seu contexto relacional mais íntimo. Com isso o autor queria demonstrar as agruras da construção social da realidade que os Estados Nacionais operaram durante o século XIX e XX. Retomamos esse exemplo para pensar no impacto que as categorias, conceitos, metodologias e técnicas possuem para a própria definição de um fenômeno, seu recorte objetivo com as suas delimitações impactam, inclusive, na própria auto-imagem daqueles que são “objetos” dessa designação. Esse tipo de reflexividade social é a que Giddens (1991) procurava descortinar para pensar na capacidade de reflexividade e transformação que o nosso próprio “objeto” possui, sendo impactado pelas nossas construções conceituais, adotando-as em suas descrições biográficas de si mesmo, ressignificando-as ou até mesmo descartando aquelas que não lhes parecem condizer com a realidade. Não seria melhor, então, falar de “subjatividade” do conhecimento social e seus graus de objetivação?

²⁰ Outra boa definição dada por Renato Ortiz dessa atitude pode ser sintetizada no seguinte parágrafo: “Eu a definiria como uma disposição interna que permite o desenvolvimento de uma forma sistemática de construir nossa própria objetivação; para tanto, é preciso que ela se transforme em *habitus*, modo de vida, maneira de se perceber e exercer uma determinada prática. A atitude é a virtude que alimenta a distância reflexiva, a relação de proximidade e distância em relação ao mundo” (ORTIZ, 2021, p.31).

REFERÊNCIAS

- ALEXANDER, Jeffrey. “O novo movimento teórico”. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**. v. 2, nº. 4, São Paulo, junho, 1987.
- A IRRUPÇÃO**: a revolta dos jovens na sociedade industrial : causas e efeitos. Coautoria de Henri Lefebvre. São Paulo, SP: Documentos, 1968.
- BAUMAN, Zygmunt. **Identidade**: entrevista a Benedetto Vecchi. Tradução de Benedetto Vecchi. Rio de Janeiro, RJ: Zahar, 2005.
- BERGER, Peter L. **O dossel sagrado**: elementos para uma teoria sociológica da religião. Coautoria de Luiz Roberto Benedetti. São Paulo, SP: Edições Paulinas, c1985.
- BOURDIEU, Pierre. As condições sociais da circulação internacional das idéias. **ENFOQUES** – Revista Eletrônica: Rio de Janeiro, v.1 , n.1, 2002. pp. IV– 117. Disponível em:< <https://revistas.ufrj.br/index.php/enfoques/article/view/12679>> Acesso em 20/08/2024.
- BOURDIEU, Pierre. O Poder Simbólico. 6.ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil. 2003.
- BOURDIEU, Pierre. **As regras da arte**: gênese e estrutura do campo literário. 2. ed. São Paulo, SP: Companhia das Letras, 2005.
- BURAWOY, Michael. **Marxismo sociológico**: quatro países, quatro décadas, quatro grandes transformações e uma tradição crítica. Tradução de Marcelo Cizaurre Guirau, Fernando Rogério Jardim. São Paulo, SP: Alameda, 2014.
- CASTRO, Celso (org.). **Além do cânone**: para ampliar e diversificar as ciências sociais. Editora FGV, 2022.
- JASPERS, Karl. Método e visão de mundo em Max Weber. COHN, Gabriel. **Sociologia**: para ler os clássicos. Coautoria de Steven Lukes, Alessandro Pizzorno. Rio de Janeiro, RJ: Livros Técnicos e Científicos, 1977.
- ELIAS, Norbert. **Os estabelecidos e os outsiders**: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade. Coautoria de John L. Scotson. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar, 2000.
- GIDDENS, Anthony. **As consequências da modernidade**. Tradução de Raul Fiker. São Paulo, SP: UNESP, 1991.
- GREEN, Martin Burgess. **Mountain of truth**: the counterculture begins, Ascona, 1900-1920. Hanover, N.H.: Tufts University: University Press of New England, 1986.
- HENNIS, Wilhelm. **Il problema Max Weber**. Coautoria de Enzo Grillo. Roma: Laterza, 1991.
- HESS, Rémi. **Henri Lefebvre e l’aventure du siècle**. Paris: Édition A.M. Métailié, 1988.
- HOELZ, Maurício. BOTELHO, André. Sociologias da literatura: do reflexo à reflexividade. **Tempo Social**, 28(3), 2016. pp.263-287. Disponível em:< <https://doi.org/10.11606/0103-2070.ts.2016.106017>> Acesso em 01/09/2024 às 13:30h.
- JAY, Martin. La explicación histórica: reflexiones sobre los límites de la contextualización. **Prisma - Revista de Historia Intelectual**. n.06, 2012, pp.145-157.
- LEFEBVRE, Henri. **La production de l’espace**. Paris: Anthropos, 2000.
- LEFEBVRE, Henri. **Le temps de méprises**. Paris: Editions Stock, 1975.
- LEFEBVRE, Henri. **Lógica formal, lógica dialética**. 2.ed. Rio de Janeiro, RJ: Civilização Brasileira, 1975.
- LEFEBVRE, Henri. **Introdução à modernidade**: prelúdios. Rio de Janeiro, RJ: Paz e Terra, 1969.
- LEFEBVRE, Henri. **Metafilosofia : prolegômenos**. Rio de Janeiro, RJ: Civilização Brasileira, 1967.
- LEFEBVRE, Henri [1969]. **O direito à cidade**. São Paulo, SP: Moraes, 1991.
- LEFEBVRE, Henri. **O fim da história**. Lisboa: Dom Quixote, [1971].
- LEFEBVRE, Henri. **O pensamento marxista e a cidade**. Póvoa de Varzim (Portugal): Ulisseia, c1972.

- LEFEBVRE, Henri. **Posição:** contra os tecnocratas. São Paulo, SP: Documentos, 1969.
- LÖWY, Michael. **As aventuras de Karl Marx contra o Barão de Münchhausen:** marxismo e positivismo na sociologia do conhecimento. Tradução de Juarez Guimarães, Suzanne Felicie Léwy. 10. ed. São Paulo, SP: Cortez, 2013.
- LÖWY, Michael et SAYRE, Robert. **Revolta e Melancolia: O romantismo na contracorrente da modernidade.** São Paulo: Boitempo, 2015.
- MATA, Sérgio da. **A fascinação Weberiana:** as origens da obra de Max Weber. EdiPUC-RS. E-BOOK.2013.
- MARTINS, José de Souza org. **Henri Lefebvre e o retorno da dialética.** São Paulo: Hucitec, 1996.
- MERTON, Robert King. **Sociologia:** teoria e estrutura. São Paulo, SP: Mestre Jou, 1970.
- MITZMAN, Arthur. **La jaula de hierro:** una interpretacion historica de Max Weber. Coautoria de Max Weber. Madrid: Alianza, c1976.
- MOMMSEN, Wolfgang J. **Max Weber and German politics, 1890-1920.** Chicago, IL: Univ. of Chicago, 1990, c1984.
- ORTIZ, Renato. Octavio Ianni: a ironia apaixonada. **Sociologias (UFRGS)**, v. 20, p. 320, 2008.
- ORTIZ, Renato. **Sobre o Trabalho Intelectual.** Porto Alegre (RS): ZOUK, 2021.
- RADKAU, Joachim. **Max Weber:** a biography. Tradução de Patrick Camiller. Cambridge U.K.: Polity, c2009.
- PEDRON, Caio César. **A gênese social da esfera erótica: um estudo compreensivo sobre o contexto de emergência da erótica weberiana.** 2019. 1 recurso online (208 p.) Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Campinas, SP. Disponível em: <https://hdl.handle.net/20.500.12733/1638228>. Acesso em: 20 ago. 2024.
- PIERUCCI, Antonio Flavio de Oliveira. **O desencantamento do mundo:** todos os passos do conceito em Max Weber. 2. ed. São Paulo, SP: USP: Editora 34, 2005.
- PIERUCCI, Antônio Flávio. **O sexo como salvação neste mundo: a erótica Weberiana.** [Disponível em <http://www.sociologia-usp.br/jornadas/papers/mr05-1.doc>]. 1998, Anais. São Paulo: Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 1998. . Acesso em: 20 ago. 2024.
- POLLACK, Michael. Max Weber: Elementos para uma biografia sócio-intelectual. **Estudos de Antropologia Social – MANA**, n.1, v.1, 1996.a.
- SARTRE, Jean-Paul. **Crítica da razão dialética:** precedido por questões de método. Rio de Janeiro, RJ: DP&A, 2002.
- SELL, Carlos Eduardo. **Max Weber e a racionalização da vida.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.
- SCHLUCHTER, Wolfgang. **Acción, orden y cultura:** estúdios para un programa de investigación en conexión con Max Weber. Buenos Aires: Prometeo libros, 2008.
- SCHWENTKER, Wolfgang. A Paixão como um modo de vida: Max Weber, o círculo de Otto Gross e o erotismo. **Revista Brasileira de Ciências Sociais.** n.32, ano 11, outubro, 1996.
- SCHWARZ, Roberto. **Ao vencedor as batatas:** forma literária e processo social nos inícios do romance brasileiro. 6. ed. São Paulo, SP: Duas Cidades: Editora 34, 2012.
- SCHWARZ, Roberto. **Cultura e Política, 1964-1969.** In: SCHWARZ, Roberto. O pai de família e outros estudos. São Paulo, SP: Companhia das Letras, 2008.
- WEBER, Max. **Letters from Ascona.** In: WHIMSTER, Sam (org.). Max Weber and the culture of anarchy. Coautoria de Sam Whimster. Houndmills, Basingstoke, Hampshire: Palgrave Macmillan, 1999.
- WEBER, Max. **Ética Econômica das Religiões Mundiais:** Ensaios comparados de sociologia da religião. Vozes, 2016.

DECLARAÇÃO DE DISPONIBILIDADE DE DADOS DA PESQUISA: Todo o conjunto de dados de apoio aos resultados deste estudo foi publicado no próprio artigo.

FINANCIAMENTO: Especificar as fontes de financiamento da pesquisa, caso existente. Exemplos: O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES).

CONTRIBUIÇÃO DAS/DOS AUTORES/AS: Ambos os autores trabalharam assiduamente na construção da metodologia, escrita e conceitualização do texto.

DECLARAÇÃO DE CONFLITO DE INTERESSE: Os autores declaram que não há conflito de interesses a mencionar.

MINIBIOGRAFIAS DOS/DAS AUTORAS DO PAPER: Caio César Pedron. Doutorando em Sociologia pelo PPGS/UNICAMP. Estuda intelectuais, pensamento social e o amor no pensamento sociológico. Hélio Roberto de Francischi Chagas. Doutorando em Sociologia pelo PPGS/UNICAMP. Tem experiência na área de Sociologia, atuando principalmente nos seguintes temas: arte, fotografia, grafite, Walter Benjamin, Henri Lefebvre, cultura urbana, cidade, sociologia urbana.

Este preprint foi submetido sob as seguintes condições:

- Os autores declaram que estão cientes que são os únicos responsáveis pelo conteúdo do preprint e que o depósito no SciELO Preprints não significa nenhum compromisso de parte do SciELO, exceto sua preservação e disseminação.
- Os autores declaram que os necessários Termos de Consentimento Livre e Esclarecido de participantes ou pacientes na pesquisa foram obtidos e estão descritos no manuscrito, quando aplicável.
- Os autores declaram que a elaboração do manuscrito seguiu as normas éticas de comunicação científica.
- Os autores declaram que os dados, aplicativos e outros conteúdos subjacentes ao manuscrito estão referenciados.
- O manuscrito depositado está no formato PDF.
- Os autores declaram que a pesquisa que deu origem ao manuscrito seguiu as boas práticas éticas e que as necessárias aprovações de comitês de ética de pesquisa, quando aplicável, estão descritas no manuscrito.
- Os autores declaram que uma vez que um manuscrito é postado no servidor SciELO Preprints, o mesmo só poderá ser retirado mediante pedido à Secretaria Editorial do SciELO Preprints, que afixará um aviso de retratação no seu lugar.
- Os autores concordam que o manuscrito aprovado será disponibilizado sob licença [Creative Commons CC-BY](#).
- O autor submissor declara que as contribuições de todos os autores e declaração de conflito de interesses estão incluídas de maneira explícita e em seções específicas do manuscrito.
- Os autores declaram que o manuscrito não foi depositado e/ou disponibilizado previamente em outro servidor de preprints ou publicado em um periódico.
- Caso o manuscrito esteja em processo de avaliação ou sendo preparado para publicação mas ainda não publicado por um periódico, os autores declaram que receberam autorização do periódico para realizar este depósito.
- O autor submissor declara que todos os autores do manuscrito concordam com a submissão ao SciELO Preprints.